# GRAFISMO COMO ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RUTH COSTA DA ROZA RIBEIRO

RESUMO

O grafismo faz parte da história humana e está presente como criação do homem desde a Antiguidade, sendo desde esta época uma forma de linguagem e de expressão. É nítida a presença do grafismo no cotidiano escolar, principalmente na Educação Infantil, contribuindo significativamente para o desenvolvimento global das crianças, porém, ao iniciarem o Ensino Fundamental ocorre uma ruptura nestas atividades e o grafismo passa a ser esquecido ou simplesmente abandonado pelos educadores. Este fato foi revelado ao decorrer desta pesquisa mostrando-se como prejudicial para o processo educativo da criança. As reflexões envolvem o grafismo e a expressividade humana englobando o histórico da origem do desenho e este como meio de expressão para o ser humano. Tendo-se clara a origem do grafismo, as produções gráficas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, as fases pelas quais estas produções se desenvolvem e suas influências no desenvolvimento emocional da criança.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil; Grafismo; Desenvolvimento Infantil.

## INTRODUÇÃO

O grafismo é uma atividade muito presente na educação, e muitas vezes, participa e influencia no desenvolvimento das crianças.

Apesar de sua importância e contribuições, o grafismo ainda é visto como atividade improdutiva, essa pesquisa visa refletir sobre as questões que envolvem o trabalho com o grafismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, suas contribuições, benefícios, interpretações e como utilizá-lo no cotidiano escolar.

Seguindo esse contexto surgiu o problema: Qual a influência que o grafismo exerce para os alunos na educação infantil? E como trabalhá-los.

Reconhecer essa participação e a influência do grafismo na educação, visto que os profissionais da área não reconhecem a importância do ato de desenhar e tudo que o grafismo pode representar é uma das preocupações que essa pesquisa busca elucidar.

O grafismo deve ter uma maior valorização, pois pode ser uma fonte para a compreensão do universo infantil, além de desenvolver a criatividade e a sensibilidade.

A partir daí o objetivo geral da pesquisa foi: compreender a participação do grafismo no processo de alfabetização. Os objetivos específicos foram: analisar o desenho como parte integrante no desenvolvimento educacional e a ruptura gerada quando as produções artísticas são substituídas; identificar o grafismo como fonte para se compreender o universo infantil e dessa forma se estabelecer uma relação mais próxima com o aluno; observar quais as possibilidades do uso do grafismo nas metodologias de ensino.

Após essas definições a pesquisa buscou responder a esses questionamentos na tentativa de uma educação que contemple mais o grafismo e a arte.

Para analisar essas questões e sobre outros aspectos que a envolve, a pesquisa seguiu a metodologia de cunho bibliográfico, para que fosse possível o entendimento dos diversos estudos já realizados sobre o tema e a compreensão das ideias dos diversos estudiosos sobre o desenho infantil.

Concluindo a pesquisa, nas considerações finais responde-se aos questionamentos apresentados procurando atender aos objetivos.

## A PRESENÇA DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O currículo do sistema educacional, independentemente do nível de ensino, tem como objetivo final a (re)produção, a apreensão e a transmissão de conhecimento. É na Educação Infantil, portanto que começa todo o processo de aquisição deste conhecimento envolvendo atividades específicas dentre elas o desenho que muitas vezes, é visto como indissociável das atividades deste nível de ensino.

A Arte nesse processo educativo ajuda a criança a se perceber como sujeito que se expressa e se insere no mundo, mas para que isso ocorra efetivamente é necessário que os educadores vejam a criança como um ser global (físico, psíquico, emocional e social) propondo atividades que propiciem esse desenvolvimento integral e a construção da autonomia infantil, respeitando a criança, seu ritmo de desenvolvimento, suas origens sociais e culturais, sua afetividade, ideias, expressões, desejos e expectativas. Sem dúvida, um dos recursos a ser utilizado pelos educadores que melhor unifica todos esses aspectos é o grafismo.

A criança por meio do grafismo pode manifestar, entre outros aspectos, os seus desgostos, desesperos, temores, prazeres,

decepções, impulsos, desejos, sonhos, enfim, todos os sentimentos que a cerca e aos quais muitas vezes ela não encontra outra maneira de manifestar, seja por medo, ou falta de oportunidade. Portanto, podemos entender que a criança se expressa por meio do grafismo como uma maneira de formular o que ela não confia, ainda, a sua expressão verbal.

Que exprime à criança? Sensações corporais, sentimentos, desejos, um conjunto de fatos emotivos acompanhantes da sua evolução geral e que ela não pode formular pela palavra, porque estão fora do seu consciente e se impõem a sua expressão sem que ela os possa controlar. (STERN, s/d; p. 8)

O ato de fazer o grafismo impulsiona outras manifestações e não pode se restringir ao lápis e ao papel, o grafismo envolve observação, memória e imaginação, e restringi-lo a esses dois instrumentos é uma forma de minimizar esse processo de criação e expressão.

Quando uma criança que se encontra na Educação Infantil desenha, lhe é permitido não apenas expressar suas ideias e emoções, mas que ela se aproxime do mundo, do conhecimento e se aproprie destes, pois, a ação desenvolvida pelo ato de desenhar traz descobertas e frustrações, a criança passa por um processo de vivências e existências, vivência da sua realidade e existência de "Ser" inserido nessa realidade, sempre englobando suas necessidades e suas potencialidades. A criança também desenha para brincar e brinca com os seus desenhos.

O grafismo como possibilidade de brincar, o desenho como possibilidade de falar, marca o desenvolvimento da infância, porém em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio. (MOREIRA, 2005:26)

Mesmo o grafismo sendo considerado a primeira escrita da criança este não deve ser imposto, afinal, o que a criança faz é em função de suas próprias necessidades, seus desejos, em busca da sua realização, sem se preocupar com os outros. Em suas ações e criações a criança cria um vínculo existencial em relação ao desenho, esse vínculo congrega o presente, o passado e o futuro.

Apesar dos inúmeros benefícios emocionais, sociais, e intelectuais que o grafismo proporciona às crianças e ao seu desenvolvimento muitos educadores ainda o consideram apenas como uma ação motora ou como forma de passar o tempo durante as atividades escolares o que é um erro e acaba por fazer desta forma de expressão uma atividade sem importância.

O certo é que mediante o grafismo a criança pode se tornar equilibrada e forte emocionalmente, favorecendo a comunicação e o seu desenvolvimento intelectual, não sendo a única forma de expressão infantil, mas, a mais fácil de ser aperfeiçoada, desde que as interferências dos educadores sejam corretas e que estes compreendam as evoluções que ocorrem nas produções infantis, visto que muitos educadores "tentam" ensinar técnicas para a criança desenhar (como se ela não soubesse), ignorando a evolução natural do desenho e desta maneira inibindo o processo criativo das crianças.

O vínculo estabelecido entre a criança e o grafismo tem relação direta com a maneira pelas quais os educadores se relacionam com essa forma de linguagem e como as propõem, pois, o simples fato de um educador "nomear" as produções gráficas da criança pode levá-la ao entendimento de que o seu grafismo não comunica nada, ou seja, que essa forma de expressão é inadequada e inútil, e que, portanto, deve ser ignorada.

Isso faz com que a criança perca a vontade de desenhar e que este grafismo perca o sentido.

É muito comum essa posição por parte dos educadores quando estes restringem a sua visão do grafismo a apenas três aspectos: grafismo como uma mera cópia de algo real, grafismo como forma de ilustrar uma escrita ou o grafismo para tratar de um assunto específico, e aliados a essa visão os educadores colocam diversos obstáculos para um trabalho efetivo envolvendo o grafismo, as reclamações mais frequentes são: carência de espaço e de infraestrutura nas escolas infantis, falta de materiais diversificados e principalmente um mau preparo de formação e informação no que se refere à arte e ao grafismo.

Para que o grafismo possa realmente contribuir e beneficiar as crianças da maneira que já foi exposto é preciso criar oportunidades concretas do fazer artístico na Educação Infantil e também no Ensino Fundamental, prestando atenção à expectativa que se tem em torno do graismo e ao trabalho desenvolvido, não o simplificando a apenas como preenchedor de lacunas, mas sim um revelador de formas de ver o mundo, no qual a criança imprima, em suas produções, parte de sua personalidade.

Somente a preocupação e o entendimento do grafismo como conteúdo curricular da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com seus objetivos e significados levará o educador a entender que este deve ser desenvolvido em seu caráter interdisciplinar e em sua especificidade, fazendo da escola um espaço de abrangência da Arte, na qual a criança não perca a confiança no seu grafismo.

## DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO INFANTIL

O grafismo começa a fazer parte da vida das crianças por volta dos 2 anos de idade, (muitas vezes até antes, Marthe Bernson data por volta de 18 meses) e já pode ser visto e entendido como uma forma de expressão, pois é neste período que surgem os "rabiscos", as "garatujas", a criança sente prazer em rabiscar a folha e até mesmo fora da folha, pois ainda não possui a noção de espaço e limite, o lápis se torna uma extensão do próprio corpo, por isso pode-se dizer que a criança, nesta fase, desenha com o corpo todo.

Além de possuir o sentimento de necessidade de "manchar" os lugares, ou seja, deixar sua marca nos ambientes (podemos até mesmo fazer uma analogia aos homens primitivos) a criança quando rabisca uma folha sente prazer tanto pela execução dos movimentos, quanto pelo visual que começa a aparecer diante de seus olhos, é uma descoberta de sentidos.

A criança está em pleno desenvolvimento, descobrindo sensações e objetos a cada instante, assim, sua elaboração gráfica acompanha seu desenvolvimento psicomotor, sua criatividade, sua imaginação, o grafismo se tornam um jogo, no qual não são necessários companheiros, a própria criança estabelece suas regras, nas palavras de Edith Derdyk: "O grafismo é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular" (2004:50).

Mediante o grafismo a criança é capaz de expressar seus sentimentos e desejos interiores, o inconsciente se faz presente nessas manifestações gráficas, e isso não apenas nos grafismos infantis, mas em qualquer obra produzida com imaginação, visão interior, na qual o artista possa se entregar de corpo e alma, conseguindo expressar seus pensamentos, emoções, ideias.

Para a criança o grafismo se torna também uma manifestação de sua inteligência, de seu cognitivo, pois por meio desta ela pode inventar explicações, criar teorias e hipóteses para os aspectos ainda não compreendidos, a criança pode inventar e reinventar seu mundo.

Este ato de tentar compreender a realidade mediante ideias hipotéticas desenvolve a capacidade intelectiva, e também a capacidade projetiva, pois a criança passa a projetar, a planejar seu desenho mentalmente. Quando se oferecem à criança condições ideais tanto físicas, como também emocionais e intelectuais passa a existir maiores possibilidades de ocorrer este desenvolvimento. No entanto, a criança é capaz de deixar sua marca expressa em qualquer lugar, em qualquer superfície: na areia com um graveto; nas paredes com lápis ou canetas; na calçada com cacos de tijolos, até mesmo em um vidro ou espelho embaçado marcando-os com os dedos.

A criança, portanto, passa por diversos estágios de desenvolvimento intelectual e emocional e suas produções gráficas também, o grafismo infantil atravessa diversas fases de desenvolvimento. Ainda de acordo com Sueli Ferreira (2005:21) "Conforme as crianças se relacionam mais estritamente com o mundo ao seu redor, vão evoluindo nos seus grafismos".

Ao fazer o grafismo, a criança envolve diversas outras ações como: falar, narrar o que desenha, cantar, balançar-se, o corpo trabalha de uma maneira integral, assim, cada gesto que imprime, carrega uma experiência diferente ao desenhar.

Com o desenvolvimento do ato de desenhar o prazer de movimentos se alia ao prazer visual, o sentimento já não existe apenas enquanto se desenha, mas permanece quando a criança vê sua obra. Na ponta do lápis estão concentrados todos seus sentidos, ou seja, seu corpo de uma maneira completa.

Com o passar do tempo a criança começa a ter um maior controle de seu próprio corpo o que reflete em seus grafismos que passam a possuir gestos mais precisos, a criança também começa a se ver como criadora, colocando no papel toda sua experiência de existência.

Com este controle até o ritmo de execução dos grafismos fica mais lento e o olho ajuda na memorização e na construção de algumas formas, ao mesmo tempo se inicia os comentários verbais sobre os grafismos, e as crianças, na tentativa de reproduzirem formas podem obter o sucesso ou o fracasso.

A noção de espaço ainda não está realmente presente nas obras infantis nesta fase, a percepção espacial da criança evolui de acordo com a sua percepção corporal, o que se pode perceber é o espaço emocional presente nos grafismos, ou seja, a criança estabelece uma hierarquia de importância para suas figuras, ou seja, desenha de acordo com a afetividade, assim, o que ou quem gosta mais é desenhado maior ou mais perto de seu próprio retrato. Este aspecto fica claro nos grafismos sobre a família no qual o pai ou a mãe é representado bem maior e os irmãos (mesmo que mais velhos) são desenhados em tamanho menor, por exemplo.

O que começa a se desenvolver também são os conceitos de semelhança/diferença, pequeno/grande, dentro/fora, noções que irão permitir a capacidade de agrupar, associar, organizar e classificar.

Quando a criança começa a ter noção de si própria, a ter domínio de suas sensações, sentidos e também a capacidade de criar e estabelecer conceitos passa a desenhar elementos permanentes, um exemplo disto é o círculo, em seus diversos rabiscos, que agora já estão mais arredondados, co-

meçam a surgir figuras fechadas. Pode-se fazer uma analogia do gesto circular com a individualidade, com a conquista do "eu" e a diferenciação do "outro", na área da psicologia o círculo estabelece uma relação à conquista da consciência.

Desenhando formas fechadas a criança pode perceber a existência do todo (folha) e da parte (figura), desenvolvendo a noção de permanência e autonomia.

Não é apenas esta forma geométrica que aparece nesta fase, figuras como o quadrado e o triângulo também surgem nos desenhos infantis cada uma explorando certas capacidades mentais e intelectuais das crianças que passarão a procurar o equilíbrio na combinação das formas, representando o real e também o imaginário para criarem suas composições, é neste momento que surgem as figurações como: casas, animais, carros e pessoas, sendo de extrema importância a observação, a memória e a imaginação.

A conquista da linguagem oral desperta nas crianças outras capacidades, como a noção de permanência dos objetos, a elaboração de sentimentos como o medo e a angústia e agora a capacidade de poder nomear seus desenhos, suas figuras, essa nomeação muitas vezes é alterada, ou seja, a mesma marca gráfica pode ser chamada de gato em um dia e de flor em outro, no entanto essa narração abre possibilidades até mesmo para criarem histórias baseadas em suas obras.

A narrativa da criança sobre seus grafismos se desenvolve também pela exigência que o adulto possui de entender o que a figura representa, muitas vezes, a criança dá nome ao seu gesto, que para ela é mais importante do que as marcas no papel. Porém, a cobrança exagerada por parte dos adultos a respeito das significações do grafismo infantil pode inibir a criança, pois esta, ao desenhar já tem em mente que suas representações deverão possuir interpretações, no entanto, mesmo podendo atrapalhar o processo gráfico, os questionamentos levam a criança a pensar sobre sua produção.

Quando a criança já consegue desenhar não somente com a orientação da mão sob comando do cérebro, mas quando o olho passa a orientar toda essa ação, a criança evolui para uma nova fase, na qual consegue combinar as diversas figuras que já é capaz de desenhar. Com esta combinação passa a desenhar seus primeiros bonecos que segundo Mèredieu, representam a projeção do próprio esquema corporal da criança.

Por volta dos três aos quatro anos as crianças passam pelo Estágio Comunicativo (Bernson), no qual acompanhando a vontade de desenhar vem a vontade de escrever, surgindo assim, os traços em forma de serra, signos alinhados que possuem o intuito de representar a linguagem escrita dominada pelo adulto.

As crianças desejam entender e participar do universo adulto e com estes tipos de grafismo/escrita sentem que estão realmente comunicando algo, tentando imitar o ato de escrever. Escrever e desenhar são ações articuladas, já que a origem da escrita possui raiz no desenho, pode-se até, segundo Derdyk, estabelecer um elo entre o grafismo infantil e as escritas primitivas.

O ensino baseado na cópia não desenvolve as capacidades como criatividade, reflexão e visão de mundo própria e sim desenvolve aspectos como destreza e técnicas, pode-se dizer que é um mecanismo de poder, de dominação, já que exclui o poder de escolha e de decisão da criança, seus interesses e necessidades são deixados de lado, assim, como os aspectos fundamentais – não apenas para o desenho, mas para o conhecimento em geral – a observação, a memória e a imaginação.

De acordo com Luquet, depois do período de adequação à escolarização, a criança ainda passa por mais dois estágios. Dos quatro até os dez ou doze anos o que caracteriza o desenho infantil é o fato de este representar o que a criança sabe sobre o objeto e não o que exatamente vê, assim, suas experiências como tocar, cheirar, bater, pegar, são fundamentais para que seu repertório cresça cada vez mais, desenhar se torna uma maneira de conhecer.

Nesta fase também, entre seis e sete anos, a criança começa a apresentar uma maior noção de espaço e de medida, o que torna seus desenhos bem mais elaborados, suas figuras são representadas em diferentes posições e para isso a observação se torna muito importante. Este é o chamado Estágio Intelectual.

Numa segunda fase, depois dos doze anos, a criança atinge o Estágio Visual, no qual está já começa a apresentar noções de perspectiva, a criança desenha agora baseada em algumas regras de espaço, profundidade, envolvendo operações abstratas o que põe um fim ao grafismo espontâneo, as produções agora tentam ao máximo se igualar às obras adultas.

É evidente que da mesma maneira como as crianças se desenvolvem biologicamente e no processo da leitura e escrita ela também desenvolve suas potencialidades na arte de desenhar e criar e o professor pode integrá-los na busca de uma compreensão maior do seu aluno e na sua aprendizagem.

O grafismo é uma atividade rotineira presente na Educação Infantil, apesar de inúmeras vezes, não receber o devido valor, a atenção específica e a avaliação adequada, as crianças até 6 anos de idade possuem

várias oportunidades de se expressarem por meio destas produções gráficas, podendo ao menos colocar no papel os sentimentos, emoções, ideias e pensamentos que não conseguiriam comunicar com outra linguagem, mesmo que estas não sejam compreendidas pelos profissionais e também pelos próprios pais.

Não é apenas o grafismo que contribui para este desenvolvimento pleno e equilibrado da criança, mas também outras tantas atividades como os jogos, as histórias e as brincadeiras, entretanto, na maioria das vezes e entre a maioria dos profissionais de Educação, estas atividades fazem parte apenas da educação infantil, contribuem apenas nos primeiros anos de escolarização, quando exercem, na opinião de muitos, um papel de preenchimento de tempo, uma atividade apenas lúdica.

Porém, para muitos autores esta opinião já está se alterando e vários questionamentos começam a fazer parte da literatura específica em Ensino Fundamental.

Qual é o significado do brincar na vida e na constituição das subjetividades e identidades das crianças? Por que à medida que avançam os segmentos escolares se reduzem os espaços e tempos do brincar e as crianças vão deixando de ser crianças para serem alunos? (BORBA, 2006:33)

Muitas vezes os professores dão a devida atenção ao desenvolvimento emocional, afetivo e social apenas às crianças que frequentam a primeira etapa da educação básica, apenas àquelas da Educação Infantil e esquecem que os alunos do Ensino Fundamental também passam por diversos conflitos, medos, inquietações e que estes também necessitam de acompanhamento psicológico, necessitam de algum tempo para brincar, para sonhar, para se expressar em todos os sentidos, desde seus desejos e expectativas perante a escola até seus medos mais íntimos.

O ato de brincar – e podemos compreender neste também o ato de fazer o grafismo – não deve ser entendido apenas como um ato lúdico, mas também, como uma maneira de incorporar experiências sociais e culturais, criar e recriar sua realidade e produzir cultura. Brincando, a criança de qualquer idade, encontra uma possibilidade de renovar suas experiências humanas e é exatamente neste ponto que diversos profissionais falham, ou seja, não conseguem encarar a criança, visualizar seu aluno, esteja este na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, como um sujeito possuidor de criatividade, de experiências, de sonhos e também de necessidades, os alunos acabam sendo vistos de maneira incompleta, como sujeitos imaturos, capazes apenas de consumir cultura e não de produzi-la.

Uma das grandes tarefas dos professores é a de conseguir compreender a criança na sua maneira especial e específica de ser e de pensar sobre o mundo.

Conseguindo compreender seu aluno o professor poderá ajudá-lo a se constituir como um sujeito pleno no mundo. O brincar e o desenhar vêm como uma possibilidade de o professor conseguir obter este conhecimento sobre seu aluno, e se não são apenas as crianças pequenas que necessitam desta atenção, estas atividades devem estar presentes sim no Ensino Fundamental, para que as crianças de 6 a 12 anos possam também ter o direito de se expressarem por meio de outras atividades e de outras linguagens, como a corporal e a plástica, já que continuam possuindo singularidades na maneira de ser e de se relacionar com os outros, com os acontecimentos, ou seja, com o mundo. O brincar e o desenhar contribuem na educação como função humanizadora, como um diálogo entre adultos e crianças.

As concepções de “escola” e “aluno” se alteram durante a história, são visões históricas e sociais e assim também a noção do “brincar” se alterou e continua se alterando de acordo com a sociedade, com a época, com o caráter de educação, assim, pela cultura a brincadeira e o desenho foram consideradas irrelevantes atividades de pouco valor na educação formal e contrário ao trabalho, ou seja, improdutivas.

A atividade de desenhar é, na maioria das vezes, encarada pelos profissionais e pelos familiares como algo que ocupa o espaço das efetivas atividades, das atividades curriculares realmente valorizadas e que já possuem um espaço grandioso no currículo escolar como os conceitos de português ou de matemática.

A atividade de brincar fica, portanto, à parte das outras é secundarizada no contexto da formação escolar da criança, esta visão é cultural e, portanto, é mutável, não é fixa assim como a própria cultura e é exatamente por este motivo e acompanhando os diversos estudos que se complementam a cada dia, que diversas obras e discursos apontam a importância do ato de brincar – e desenhar - no desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, é importante indagarmos: nossas práticas têm conseguido incorporar o brincar como dimensão cultural do processo de constituição do conhecimento e da formação humana? Ou têm privilegiado o ensino das habilidades e dos conteúdos básicos das ciências, desprezando a formação cultural e a função humanizadora da escola? (BORBA, 2006:35)

Esta noção de brincadeira como tempo perdido, e o mesmo equivale ao grafismo, é proveniente da ideia de que estas atividades são opostas ao trabalho, não são produtivas porque "não geram resultados mensuráveis" e está concepção leva a diminuição do espaço/tempo escolar para a execução destas tarefas, para a criação de arte, para a expressão corporal, musical e plástica.

Estas atividades, ao contrário, deveriam ser entendidas como atividades que se articulam aos processos de aprender, de se desenvolver e de conhecer, como afirma Ângela Meyer Borba: "no trabalho muitas vezes brincamos e na brincadeira também trabalhamos! ". Aprender brincando é uma possibilidade a mais de a criança obter sucesso em sua aprendizagem, já que estas atividades são estimuladoras, o que desperta o entusiasmo, aumentando o interesse e assim a participação dos alunos nas aulas. Um aluno motivado se sente mais seguro e confiante o que contribui em muito para o seu desenvolvimento emocional e assim para seu crescimento integral e equilibrado.

Vygotsky amplia os estudos sobre a importância da brincadeira compreendendo esta não só como uma possibilidade de socialização e de assimilação dos códigos e dos papéis sociais e culturais, mas também como uma maneira de reinterpretação do mundo, que possibilita a invenção e também a produção de novos significados e de novos saberes. Portanto, a brincadeira e o desenho abrem espaço para que a criança conheça, compreenda e também crie realidades. Observando uma criança brincando, desenhando, pode-se conhecer um pouco melhor sua visão de mundo, as experiências que possui, já que estas atividades têm como base o que as crianças conhecem e o que vivem.

A imaginação, trabalhada por meio destas atividades, contribui para que a criança se desprenda de sua realidade, abrindo caminho para que a partir do imaginado consiga agir em busca de seu ambiente ideal, de sua ação planejada e por que não dizer em busca de seus sonhos e desejos? É uma maneira de elaborar novos significados como afirma Vygotsky (1987) ao defender que nesse novo plano de pensamento, ação, expressão e comunicação, novos significados são elaborados, novos papéis sociais e ações sobre o mundo são desenhados, novas regras e relações entre os objetos e os sujeitos, e desses entre si, são instituídas.

O ato de desenhar e o ato de brincar por mais naturais que pareçam ser às crianças não são algo já dado na vida do ser humano, são atividades aprendidas pelos sujeitos em suas relações com os outros, de acordo com a cultura, essas atividades, então, envolvem diversas aprendizagens que podem ser muito desenvolvidas e estimuladas pela escola, despertam como afirma Vygotsky a zona proximal do desenvolvimento, impulsionando as crianças para as seguintes fases de seu desenvolvimento cognitivo, intelectual como também emocional.

As atividades como desenhar e brincar desenvolve também nas crianças a noção de que o imaginado não é real, apesar de a imaginação estar presente a todo o momento nestas atividades, as crianças conseguem diferenciar o mundo da fantasia do mundo real, sendo também uma possibilidade de experimentar sentimentos. Em uma brincadeira, por exemplo, a criança tem a possibilidade de viver emoções como o medo, a tensão, a surpresa, o que contribui para o desenvolvimento de suas emoções em todas as situações de sua vida fora das brincadeiras.

Por que este desenvolvimento integral da criança - por meio de diversas atividades específicas, entre elas o brincar e o desenhar -, não apresenta uma continuidade no Ensino Fundamental que acaba apresentando um conhecimento compartimentado, com saberes fragmentado o que leva ao desenvolvimento de um cidadão também fragmentado?

Pode-se notar em qualquer escola como os conhecimentos são divididos, alguns valorizados e alguns deixados de lado. A criança é uma só e conhece o mundo de maneira integral, cabe assim, à escola estimular o desenvolvimento integral de seu aluno, englobando todas as necessidades intelectuais, emocionais, cognitivas e físicas que este possa apresentar durante sua vida escolar.

O grafismo, e as brincadeiras de forma mais ampla, devem ser compreendidos não mais como simples atividades lúdicas, mas sim como saberes culturais e sociais que se constituem no cotidiano, nas relações existentes entre as diferentes pessoas. São saberes influenciados também pela mídia, pelos costumes, pelas outras crianças e pelos adultos, representam inclusive a complexa experiência cultural que os diferentes grupos sociais possuem.

Portanto, a escola deve englobar em seus espaços e tempos a possibilidade de obter conhecimentos de diversas maneiras, compartilhar com as crianças e adolescentes maneiras diferentes de compreender o mundo, permitir que os alunos, em qualquer nível de ensino que estejam, possam produzir cultura, ampliar suas experiências e assim, se desenvolver integralmente. Porém, para que isso faça parte da prática escolar, deve-se repensar o trabalho pedagógico, as ações cotidianas, pois muitas vezes, com simples atividades – como desenhar e brincar – já é possível garantir este desenvolvimento equilibrado das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, analisando as teorias e conceituações de diversos autores, fica comprovada a importância do grafismo para o homem como sujeito e como gênero e que em nossa sociedade um dos lugares ideais para que as futuras gerações possam entrar em contato com as diversas manifestações artísticas e também participar da Criação, Contemplação e Interpretação destas obras são as instituições de ensino.

A escola precisa ser um espaço de acesso e apropriação cultural, e principalmente um espaço que permita às crianças o entendimento da Arte como uma experiência estética e humana com suas possibilidades e conteúdos próprios. Somente o ser humano é capaz de se expressar por meio da Arte, portanto esta pode ser considerada, também, como um fator de humanização do homem.

As diferentes formas de expressão que a Arte proporciona são também formas de linguagem, de comunicação que são necessárias para a compreensão que as crianças têm de si mesmas, e é a escola, portanto, que deve garantir as chances da criação estética, ou seja, do fazer estético.

Quando uma criança entra em contato com a Arte ela estabelece uma nova maneira de ver e entender o mundo, a realidade, porém, para que estes momentos ocorram os professores precisam preparar seus planejamentos escolares para trabalhar com seus alunos as diferentes manifestações artísticas, principalmente o desenho, pois, não resta dúvidas do quanto essa forma de expressão contribui para o desenvolvimento integral e pleno dos alunos.

Os obstáculos e dificuldades para que um bom trabalho envolvendo o grafismo seja realizado são inúmeras, mas o professor que se propõe a explorar as contribuições desta atividade deve possuir alguns conhecimentos sobre esta linguagem para que assim, seja capaz de propiciar momentos em que seus alunos coloquem à prova a imaginação, a expressão e o próprio desenvolvimento.

O contato entre a criança e a Arte pode ser realizado de diversas maneiras, entre elas a contemplação e a apreciação. O professor deve ter, portanto, consciência de que ao contemplar a Arte o indivíduo está de certa maneira se tornando um coautor dessa produção, afinal ele reflete e compreende a sua maneira de ver o que foi produzido, e quem aprecia a criação artística estabelece uma relação que vai além do que se vê, mas que se sente.

## REFERÊNCIAS


BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Volume 1 Introdução e Volume 3 Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, Editora: Parma Ltda, 1998.

BORBA, Ângela Meyer. O Brincar como um modo de ser e estar no mundo. BRASIL. Ministério da Educação. BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (Org). Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. BRASIL. Ministério da Educação. BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (Org). Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes para a

Educação Nacional (LDB). Disponível em: < www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. 3. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e Linguagem no desenho da criança. 4. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do desenho: a educação do educador. 10. ed. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2005.

WINNICOTT, D. W. A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.